

SOCIEDADE HUMANA E SUAS RELAÇÕES COM A NATUREZA: Desafios a uma visão ecocêntrica

*HUMAN SOCIETY AND ITS RELATIONSHIP WITH NATURE:
Challenges to an ecocentric vision*

Sandro Luiz Bazzanella¹

Jairo Marchesan²

Paulo César Kowalski³

Alexandre Sora⁴

RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar as relações da sociedade humana com a natureza. É um estudo de caráter bibliográfico exploratório que tem por base a obra: “O renascimento da natureza: O reflorescimento da ciência e de Deus” do autor Ruppert Sheldrake, com apoio de outras bibliografias. A tradição histórico-cultural ocidental fundada em princípios antropológicos antropocêntricos se apresenta e coloca o homem em duas esferas: uma imanente e outra transcendente em relação à natureza. A forma como a questão da vida é tratada se mostra determinante para

¹ Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (1989), mestrado em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2003) e doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010).

Atualmente é professor titular de filosofia da Universidade do Contestado na graduação no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Tem experiência na área de filosofia, atuando nas seguintes áreas temáticas: História da filosofia, filosofia política e ética, técnica, Estado e biopolítica.

² Graduado em Estudos Sociais - Habilitação em Geografia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (1990). Mestrado em Educação nas Ciências/Geografia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2000) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007). Atualmente é professor efetivo da Escola Estadual de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon em Concórdia e professor da Graduação e Pós-Graduação - Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Fundação Universidade do Contestado. Atua na área ambiental principalmente nos seguintes temas: Sociedade, desenvolvimento e meio ambiente. Exploração e gestão de águas. Educação ambiental. Questões ambientais rurais. Relações: capital, sociedade e recursos naturais.

³ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Contestado (UnC), Especialista em Educação e Sociedade (UnC) e Gestor Financeiro (UnC).

⁴ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Contestado (UnC). Acadêmico de Filosofia do Centro Universitário Internacional – UNINTER; Pesquisador PIVIC/UnC; Membro do Grupo de Pesquisa em Ciências Humanas/Giorgio Agamben – CNPq.

o tipo de ação que se realiza frente ao meio ambiente. Os argumentos apresentados neste artigo, com aporte em diversas áreas do conhecimento, convergem para a perspectiva sistêmica da natureza. Tal discussão perpassa diferentes áreas do conhecimento. Muitas destas convergem e expõem a premente necessidade da preservação da vida. Há a necessidade de distanciamento e de desprendimento de conceitos e preconceitos estabelecidos na perspectiva de conhecer as origens da prepotência humana em relação aos demais elementos da natureza.

Palavras Chave: Ocidente; Natureza; Modernidade; Meio ambiente; Ética.

ABSTRACT

The article aims to present the relations of human society with nature. It is an exploratory bibliographical study based on the work "The Rebirth of Nature: The Re-Growth of Science and God" by the author Rupert Sheldrake, with the support of other bibliographies. The Western historical-cultural tradition based on anthropocentric anthropological principles presents itself and places man in two spheres: one immanent and one transcendent in relation to nature. The way in which the issue of life is treated is decisive for the kind of action that is taken in the face of the environment. The arguments presented in this article, with contributions in several areas of knowledge, converge to the systemic perspective of nature. Such discussion pervades different areas of knowledge. Many of these converge and expose the pressing need for the preservation of life. There is a need for detachment and detachment from concepts and prejudices established in the perspective of knowing the origins of human prepotency in relation to the other elements of nature.

Keywords: West; Nature; Modernity; Environment; Ethic

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

“Profanar o mundo”. É desta forma que Sheldrake inicia sua obra: “O Renascimento da Natureza”. O verbo “profanar” indica a falta de respeito por aquilo que é sagrado. O ato de profanar remete inadvertidamente para o sagrado. Ao sagrado se atribui a condição transcendente ou imanente, lapidado pela linguagem, pela história e pela cultura. Profanar o mundo é transgredir a expressão humana para a inversão da vida sobre a própria vida. A condição de viver ligado a terra transformou em obsolescência compartilhada e auferida, até em excesso, pela profanação dos bens naturais e da vida. Como se ambos fossem categorias separadas, justificou-se, historicamente a hierarquia entre o homem, a terra e o

universo. Destas, considerou-se e considera-se a mais importante o homem. Para Sheldrake (1991), concebe-se a natureza como algo inanimado conferindo a sensação de controle sobre as forças da natureza. Assim, se a sensação humana é de controlar a natureza, há tendências de se sobrepor, dominar e explorar infinitamente.

Historicamente, a tradição, principalmente a cultura ocidental colocou a natureza como sagrada. Esta relação pode ser comprovada através de diversas culturas, em diferentes tempos e espaços, materializados na figura de deuses e deusas, aos quais se atribuíam manifestações das forças da natureza em relação ao mundo terreno, a condição humana. São as inúmeras divindades e nas mais diversas culturas que ao longo do tempo forneceram explicações para o fenômeno da vida que se manifesta no conjunto da natureza.

Assim, durante séculos os deuses triunfaram. Mas, o conhecimento científico da natureza revelou o caráter físico das suas ações, como processo natural e não por intervenção dos deuses, ou da sua magia ou da transcendentalidade. Nesse Sentido, Sheldrake (1991), salienta que a perda do sagrado perpassa a tentativa de dominar as forças da natureza. Tal percepção se consolida com a prática da agricultura como o cultivo da terra, o uso da ciência e da tecnologia como forma de intervenção e domínio sobre os bens naturais e da produção de objetos e mercadorias.

No entanto, ao longo do tempo da sociedade humana, o caráter sagrado da terra e do mundo vai sendo gradativamente substituído pela condição econômica, monetária. Essa condição prega que a utilização e domínio das forças e recursos naturais servem ao propósito de acúmulo de excedente, na perspectiva de almejar o lucro. Esta separação entre o espírito do homem e da natureza permite a constituição de uma racionalidade instrumental capaz de explorar, dominar, intervir na natureza. A natureza passa a ser apropriada, modificada e até criada pelo homem, assim como da figura divina.

Entre anjos e satélites a premissa que se propõe anunciar reside na tríplice relação entre as forças naturais que regem o movimento dos fenômenos naturais; o conhecimento científico e a busca pela explicação do próprio homem como um ser integrado a natureza e não apartado dela.

A relação entre Deus e a natureza anunciada em diversas vertentes culturais e presente em contextos temporais que se reconhecem e ao mesmo tempo divergem, apontam para a equação: a infinitude divina e a dádiva da abundância promovida pelos deuses e a correlação entre a natureza e seus recursos. Assim, como Deus e sua natureza infinita foram separados do homem, separou-se a natureza do homem e se atribuiu a Deus a responsabilidade pelos (des) equilíbrios da biosfera.

O domínio da natureza transita concomitante também com a separação entre a religião e a ciência. As equações matemáticas ocultas nas formas da natureza e suas abstrações, agora são purificadas através da ciência e “ironicamente a ideia de que a natureza funcionava mecânica e automaticamente foi tornando Deus cada vez mais supérfluo, e, por volta do século XVIII, ele desaparecia da visão científica do mundo”⁵. A imagem do divino criada pelo homem agora é explicada e aplicada para formatar uma nova visão de mundo, portanto “a ciência tomando para si como esfera de ação, o todo, o que incluía o corpo humano; e ficando a religião com os aspectos morais e espirituais da alma humana”⁶

A terra como mãe é suplantada pelo homem, e “por volta do século XVIII, aos olhos da ciência, a natureza deixou de vez de ser feminina; ela se tornou simplesmente matéria inanimada”⁷. O seio materno é substancialmente abstraído pelo poder fálico masculino na sua concepção paternal. Assim, como aquele que provê as necessidades da casa e da sua administrabilidade, seja pela apropriação dos recursos naturais através da arte ou da guerra.

Do mundo divino emerge a figura metafórica do dinheiro governado por Mammon⁸. Neste sentido, direcionaram-se esforços para a relação entre a natureza e a economia. Concebeu-se como economia a capacidade humana para extrair, acumular e administrar recursos como estratégia de sobrevivência. Anuncia-se assim a premente necessidade de exploração, transformação, acumulação e utilização dos recursos naturais até a exaustão, de maneira a atender os crescentes desejos e necessidades humanas.

⁵ SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p.31.

⁶ Idem, p. 40.

⁷ Ibidem, p. 53.

⁸ Deusa Sumeriana-Babilônica, cujos seios fartos seriam fonte de abundância.

A arte procurada para o anunciado pode ser verificada nas palavras do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, ao recomendar em 1951 medidas para o problema do fornecimento de determinados materiais durante a guerra, e este diretamente ligado ao crescimento econômico americano, o qual enfatiza “não podemos permitir que a escassez de materiais prejudicasse nossa segurança nem se torne um obstáculo à nossa expansão econômica”⁹

O domínio do homem sobre a natureza tem a arte da guerra como a aquisição “pois a arte da aquisição inclui a caça, uma arte que devemos praticar contra os animais selvagens e contra os homens que embora pretendam, por natureza, ser governados, não se submetem: porque a guerra desse tipo é naturalmente justa”.¹⁰ Dentro desse contexto, ao se definir ecologia como o “Estudo das relações entre o organismo vivo e seu ambiente, que constitui parte fundamental da biologia; ou estudo das relações entre o homem como pessoa e seu ambiente social, que constitui parte da sociologia”¹¹ enfatiza primordialmente a materialidade do homem em face de sua estrutura biológica frente ao subjetivismo das estruturas sociais adjacentes no próprio ambiente social.

O homem na sua dimensão objetiva existe no mundo. Seu corpo físico está sujeito às leis da natureza, e seu corpo intencional permite ao homem conhecer o mundo e a si mesmo. A relação do homem com a natureza remonta os povos mais primitivos. A necessidade de manter o corpo biológico, de sobreviver, estabeleceu seu modo de relacionamento com o ambiente, a produção de materiais, a coleta de alimentos, a caça e outros. As relações com outros homens (grupos humanos) se afirmam a partir de sua condição de ser social, estabelecendo relações complexas. Assim, sua relação com tudo que existe se estabelece por meio do processo de conhecimento que lhe permite dominar, e transformar e se apropriar do que a natureza lhe oferece.

O aperfeiçoamento de técnicas, o desenvolvimento das ciências para a constituição do mundo humano se efetiva com o domínio da natureza. É sob tais

⁹ FRIEDMAN, B. **As consequências morais do crescimento econômico**. Tradução. Renato Bittencourt. Record. Rio de Janeiro, 2009, p. 440.

¹⁰ SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p.45.

¹¹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2007, p. 298.

pressupostos que se apresenta a necessidade de se apropriar e transformar a natureza, conforme as necessidades e assim ele o faz. Primeiro se relaciona e conhece a natureza, e ato contínuo a domina e a transforma. O mundo, a natureza é seu objeto de estudo. É constitutivo da capacidade humana contemplar a natureza, conhecê-la, interpretá-la e transformá-la.

1 TECNOLOGIAS, GLOBALIZAÇÃO E CONSUMO

Diante das novas tecnologias, da globalização política, econômica e cultural, da interação entre os povos e, de demandas cada vez maiores das necessidades humanas, o processo de conhecimento e transformações do mundo ocorre em velocidades estonteantes e intensidades jamais vivenciadas. Provocam-se mudanças nas relações do homem com o mundo e do homem consigo mesmo. Constata-se a intensidade desta dinâmica por meio técnicas de alta produtividade desenvolvidas para atender as demandas de consumo em larga escala. Desta forma, o consumo passa a ser a grande obsessão da sociedade humana moderna e contemporânea. Tal condição produtiva requer novas fontes energéticas. Requer, também, mais vida a ser consumida. Há uma busca frenética por novas drogas para o tratamento de novas e velhas doenças. Trata-se de adiar ao máximo a morte, prolongar a vida, numa tentativa de superar os limites biológicos, humanos e as leis naturais que o conduz.

Assim, o corpo físico e a capacidade intelectual são potencializados a trabalharem incessantemente na busca do domínio integral da natureza, da produção e do lucro. Além disso, transformá-la segundo a vontade e necessidade das sociedades humanas. Uma busca constante, intensa e cada vez mais aperfeiçoada. Para Buttel (1992), o legado antropocêntrico visto nas abordagens clássicas das sociologias de Marx, Weber e Durkheim são responsáveis por desconsiderar o substrato ecológico e imaterial da existência humana. De igual forma a visão antropocêntrica do mundo diverge dos clássicos, sendo assinalada pela excepcionalidade humana e caracterizada por:

1. O ser humano é singular entre as criaturas da terra, pois tem uma cultura.
 2. A cultura pode variar quase que infinitamente, podendo mudar muito mais rapidamente que as características biológicas.
- Assim,

muitas das diferenças humanas são socialmente induzidas e não inatas, podendo ser socialmente alteradas, eliminando-se diferenças inconvenientes. 4. Assim, também, a acumulação cultural significa que o progresso pode continuar sem limites, possibilitando em última análise a solução de todos os problemas sociais.¹²

As bases do chamado desenvolvimento das sociedades se apoiariam na premissa cultural e conseqüentemente apartada do ambiente social que se estabeleceu e se difundiu dentro das suas singularidades. Mas, ao se retornar para o composto do substrato humano que antecede as prerrogativas inerentes ao surgimento da vida, aqui entendida no sentido da biologia, não há a cisão entre o meio ambiente e o ambiente social. Colocar em divergência a vida social e o meio ambiente é desconsiderar a finitude dos recursos e inadmitir a sua escassez.

A palavra evolução vinculada ao sentido genérico de *desenvolvimento* e frequentemente usada para designar uma doutrina particular que se chama "Teoria da Evolução", pode ser compreendida de dois modos diferentes: "a teoria biológica da transformação das espécies vivas umas nas outras, que é a hipótese fundamental das disciplinas biológicas de um século a esta parte; a teoria metafísica do desenvolvimento progressivo do universo em sua totalidade, que é uma hipótese admitida ou pressuposta por muitas doutrinas filosóficas modernas e contemporâneas. Embora esses dois significados tenham interagido ao longo da história da filosofia, é oportuno mantê-los separados".¹³

As Premissas anunciadas à última hipótese fundamental cujo eixo conserva a ligação entre o todo universal e o particular antropológico, anunciam o novo paradigma ambiental ou ecológico que dispõe necessariamente a dependência das sociedades humanas dos ecossistemas. Sendo assim:

1. Os seres humanos são apenas uma das muitas espécies que de maneira interdependente estão envolvidas nas comunidades bióticas que moldam nossa vida social. 2. As complexas ligações entre causa e efeito e o feedback na trama da natureza produzem muitas conseqüências não involuntárias a partir da ação social intencional. 3. O mundo é finito, existindo assim limites potenciais físicos e biológicos que reprimem o

¹² BUTTEL, Frederick H. **A Sociologia e o Meio Ambiente: Um caminho tortuoso rumo à Ecologia Humana**. Publicado originalmente (In) International Social Science Journal Environmental Awareness 109 - Brasil Blackwell - UNESCO -1986. Perspectivas, São Paulo, 69-94, 1992. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1961/1599>. Acesso em 18 mar. 2017, p. 79/80.

¹³ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2007, p. 393.

crescimento econômico, o progresso social e outros fenômenos da sociedade.¹⁴

A experiência social da guerra como aquisição posta por Aristóteles e retomada por Truman revela conjuntamente o domínio do homem sobre a natureza, e o domínio ou a exploração dos homens. Nesse sentido, o problema anunciado se solidifica na desigual distribuição dos recursos, tecnologias e poder de apropriação das riquezas naturais para a manutenção da vida biológica, que antecede a configuração de uma vida qualificada. Sem a *zoé* (vida biológica) não se pode conceber uma *bios* (vida qualificada politicamente), mas o impulso da conquista e do domínio impõe aos diferentes ambientes sociais uma infinidade de limitações a ponto de findar a vida, como destaca Sheldrake ao analisar o impulso tecnológico do século XVIII.

[...] o que fez a diferença foi a enorme inflação no propósito ambicioso de dominar e controlar a natureza, uma maneira de tratar o mundo natural como se ele não tivesse valor inerente ou vida própria, e uma destruição das restrições tradicionais sobre o conhecimento e sobre o poder humano.¹⁵

O impulso de dominar e conquistar representado na época das grandes navegações, por exemplo, encontra na preocupação que motivou Truman em manter aquecida a economia e fornecer matéria para a guerra a mesma lógica de expropriação da natureza. O aspecto econômico atrelado ao domínio tecnológico possibilitou e possibilita a conquista intensiva e sistemática de exploração da natureza, de territórios, de comunidades e de povos.

No que se refere à excepcionalidade humana fundado no pressuposto de que, na sociedade moderna, os fenômenos sociais são causados por fatos sociais e culturais, sendo o ambiente natural apenas um dos elementos dessa dinâmica. Giuliani (1998, s.p.) infere,

A sociologia nasceu, portanto, com a marca de um pensamento que tornou independente a sociedade da natureza, ou no qual a natureza era

¹⁴ BUTTEL, Frederick H. **A Sociologia e o Meio Ambiente: Um caminho tortuoso rumo à Ecologia Humana**. Publicado originalmente (In) International Social Science Journal Environmental Awareness 109 - Brasil Blackwell - UNESCO -1986. Perspectivas, São Paulo, 69-94, 1992. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1961/1599>. Acesso em 18 mar. 2017, p. 80.

¹⁵ SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 47.

simplesmente um derivado da sociedade. É importante ressaltar que esta concepção foi uma conquista da modernidade, já que a grande revolução no pensamento, da qual a sociologia foi partícipe, consistiu justamente em eliminar qualquer influência de forças externas sobre a sociedade (tanto a "vontade divina", como as leis da natureza), capazes de determinar a ordem e as leis de funcionamento da própria sociedade. Com a sociologia os homens se tornavam, finalmente, responsáveis por seus atos e eram livres para construir sua sociedade, conservando, ao mesmo tempo, o antigo sentimento de serem os dominadores da natureza.¹⁶

Diante deste paradigma, estabelece-se a visão de que a cultura e a razão constituem as prerrogativas fundamentais no movimento de controle da natureza e, como resultado apresenta a solução para os problemas da vida humana. Por outro lado, têm-se os pressupostos da ecologia, que estabelecem o ser humano como condição da vida em sua totalidade, o que significa ter presente que suas atividades estão em constante interação com o meio ambiente.

O princípio indelével para a discussão sobre o ser humano, a vida e o meio ambiente emerge da capacidade humana. Muito enfatizado por Sheldarake nas suas obras os aspectos que fundamentam e definem a vida, o apelo sociológico aponta para o aspecto de maior interesse nas discussões sobre a criação como dádiva dos deuses e, a evolução nas suas abordagens científicas decorrentes do ambiente social e político do século XIX. Não se trata de propor o dualismo antagônico, mas de reconhecer a expressão contida na fórmula dialógica da capacidade humana de se estabelecer novas relações entre signos e significados.

O homem, pertencente ao mundo do qual ele faz parte, criou e venerou seus deuses, atribuindo a eles os seus bens e seus males. Destituiu as divindades e assumiu a técnica como extensão das suas potencialidades. Julgou-se senhor de si e da natureza: primeiro ele olhava para o céu no intuito de contemplar Deus, depois passou a olhar para a terra no intuito de encontrar Deus. Na busca pelo entendimento, voltou-se para si mesmo de tal forma que os pressupostos científicos colocaram-no no controle da natureza. O mesmo homem que criou Deus trouxe-o do céu novamente à terra. O homem que instituiu a figura angelical como mensageiros

¹⁶ GIULIANI, Gian Mario. **Sociologia e Ecologia**: Um Diálogo Reconstruído. Dados, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. , 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Ago. 2017, s.p.

entre o humano e o divino passou através da sua ciência a olhar novamente para o céu. Para isso lançou ao espaço a extensão do seu olhar: os satélites artificiais.

O domínio da natureza que tramitava na separação entre religião e ciência uniu as duas na Conferência de Moscou (1987), onde foi exposta a urgência da ciência e da religião unir os esforços para salvaguardar o meio ambiente e cuidar dele, como visão do sagrado. Ciência e Religião não devem ser antagônicas, mas compartilhadas com reflexos mútuos entre homem e seu ambiente. Ou ainda, entre o humano e o divino.

A guerra como aquisição e domínio também chegou ao espaço. Se antes o campo para a batalha se situava no seio da Gaia agora que os anjos foram destituídos, confere-se aos satélites a força e supremacia das nações. Ainda que o propósito anunciado seja de benefício da própria humanidade, não se pode negar que soa nitidamente o poder de domínio de homens sobre outros homens.

A economia como problema essencial dos discursos hodiernos é recorrente entre os humanos. Nas discussões sobre o meio ambiente é demonstrado em retrocessos os acordos sobre o aquecimento global. Pouco difundida e apreciada por especialistas ligados a agricultura, o problema para este século, ainda é como alimentar o mundo? Retornou-se a necessidade básica que antecede o discurso: o que haverá se não houver vida?

Quando se utiliza o mesmo perfume por muito tempo acontece um fenômeno chamado acomodação olfativa. Ou seja, o organismo não mais sente a fragrância do perfume. O mesmo pode ocorrer com as palavras, quando usadas costumeiramente perde-se, na maioria das vezes, o seu sentido conceitual ou mesmo a capacidade de explicar o seu significado. Quando se pergunta: o que é a vida? A acomodação conceitual produz respostas como: “sei o que é, mas não sei explicar”. A acomodação conceitual ou, nas palavras de Velanes (2017), sedimentação de conceitos, parece ser um problema quando se busca a objetividade do conhecimento, pois que um conceito sedimentado pode se configurar como um *obstáculo epistemológico*¹⁷. Daí a importância das retificações

¹⁷*Obstáculo Epistemológico* é uma categoria da epistemologia de Gaston Bachelard que pretende informar que determinadas ideias ou noções tendem, com o tempo, se cristalizarem no pensamento e que se configuram como pontos de partidas para as interpretações acerca dos mais variados fenômenos causando, deste modo perturbação no conhecimento. Um dos obstáculos destacados por

de ideias à luz dos novos paradigmas para que se possam abordar de maneira objetiva os novos problemas suscitados.

2 VIDA E MEIO AMBIENTE

Como ponto de partida para as discussões sobre o meio ambiente é necessário chegar a uma possibilidade de compreender o que é a vida ou o que está vivo. A forma como a questão da vida é tratada é determinante para o tipo de ação que se realiza frente aquilo que se chama meio ambiente.

Durante o desenvolvimento do processo civilizatório ocidental um conjunto de teorias foram difundidas para explicar a questão da vida. Estas teorias têm como semelhança a condição de interpretar a vida como oposição a morte. Afirmam que existe algo que produz a vida e ao longo dos séculos, e ainda segundo interesses específicos, este componente vital muda de nome e de origem.

Na Antiguidade, segundo Sheldrake, um dos primeiros filósofos a discutir a questão da vida foi Aristóteles. Uma das obras aristotélicas onde há uma discussão sobre o tema da vida é “*De Anima*”. Nesta obra o filósofo estagirita, apresenta a vida como aquilo que anima os corpos “dava a esse princípio o nome de *psique* (a alma). Ele também chamava de *enteléquia* (de *en*, que significa interior, e *telos*, que significa finalidade.”¹⁸ A vida seria aquilo que direcionava os seres para realizarem as finalidades inerentes em si mesmos, e distinguia a vida animal da vegetal pelas suas especificidades no que concerne a locomoção, percepção e nutrição.

Ainda segundo Sheldrake (1988), na Idade Média a vida se apresentava como a condição de superação da morte, aquilo que anima os corpos é entendido como dádiva e ocupa momentaneamente os corpos e os utiliza para alcançar a

Bachelard é o obstáculo verbal que “consiste em hábitos verbais e que se constituem em sólidos empecilhos ao desenvolvimento das ciências. Considerando que a ciência não avança de forma linear e que a descontinuidade entre o conhecimento passado e o presente, nem sempre a linguagem acompanha a mudança conceitual com a mesma velocidade. Cristalizam-se termos que se apresentam como inadequados para exprimir os novos conceitos, ou nela inexistindo termos apropriados” VELANES, David. *A Noção de Ruptura Epistemológica no Pensamento de Gaston Bachelard*. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2017. p. 39.

¹⁸ SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 104.

condição de uma vida eterna. Percebe-se que, na interpretação medieval, não há grande distanciamento em relação à visão aristotélica, pelo fato de que,

Na Europa, na Idade Média, surgiu uma grande síntese da filosofia aristotélica e da teologia cristã. Foi exposta de maneira sistemática por Tomás de Aquino no século XIII e desenvolvida nas universidades medievais. Segundo esta filosofia escolástica, a natureza era animada e os inúmeros seres vivos possuíam uma alma, criada por Deus e, por conseguinte, imutável desde a sua criação.¹⁹

Na modernidade e contemporaneidade se apresentam três grandes linhas de pensamento sobre a questão da natureza da vida. Estas correntes diferem quanto ao que está vivo e o que é o princípio vital. Estas três teorias são o vitalismo, o mecanicismo e a teoria holística (que pode ser chamada também de organicista, ou sistêmica).

O vitalismo se desenvolve a partir do Iluminismo e se configura como uma atualização das teorias animistas do mundo antigo, mas difere desta na condição de colocar a vida apenas nos seres orgânicos. Deste modo, o vitalismo pressupõe que os seres vivos estão realmente vivos. Segundo Sheldrake:

[...] o vitalismo é um desenvolvimento da teoria animista da natureza, que se manteve dominante na Europa antes da revolução mecanicista. Mas, enquanto a velha teoria animista tratava toda a natureza como viva, até um certo grau, o vitalismo confinou a vida aos organismos biológicos, deixando o restante da natureza aos cuidados da física mecanicista.²⁰

A segunda corrente de pensamento, denominada mecanicista, não diferencia os seres animados dos seres inanimados. Desta forma, não existiria assim a vida e a morte, pois tudo está sujeito às mesmas leis matemáticas. Esta corrente de pensamento se estrutura principalmente no pensamento cartesiano que separou a *res extensa* e a *res cogitans*, deixando a *res extensa* como o campo de atuação da ciência. Para isto:

Descartes levou esta teoria matemática da realidade a um extremo de onde continua a dominar a ciência ocidental. Havia, por um lado, um

¹⁹ SHELDRAKE, Rupert. **A Ressonância Mórfica & A Presença do Passado - Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988, p. 45.

²⁰ _____. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 105.

Universo material, que se estendia no espaço matemático e era inteiramente regido pelas leis matemáticas e, por outro, os espíritos humanos racionais que, à semelhança do de Deus, eram de natureza não material. Eram substâncias espirituais sem extensão espacial.²¹

Descartes pensa o todo como partes interconectadas matematicamente e sujeitas as mesmas leis, não existindo nada que animasse ou fosse um princípio vital isento da aplicação de tais leis, sendo assim, “as almas foram eliminadas da totalidade do mundo natural; toda a natureza era inanimada, desprovida de alma, e morta em vez de viva.”²²

Esta forma de pensar o mundo foi fundamental para a consolidação do sistema econômico capitalista. Se o mundo é inanimado então seria apenas um imenso depósito de matéria-prima, que pode ser utilizada sem qualquer responsabilidade e eximindo o homem de qualquer culpa. Desta maneira, o meio ambiente não passa de “uma fonte inanimada de recursos naturais que pode ser explorada em prol do desenvolvimento econômico. As economias modernas estão assentadas sobre esses alicerces.”²³

Em resposta à visão mecanicista-materialista, a partir da segunda década do século XX, organiza-se uma terceira linha de pensamento, a saber, a abordagem sistêmica, que visa ultrapassar o dualismo vitalismo-mecanicismo e entende a matéria como sendo formada por organismos. A abordagem holística, organicista ou sistêmica percebe a matéria como formada por organismos de atividade diferenciada por graus de complexidade. Esta linha de pensamento além de atualizar a visão animista do mundo não aprisiona a vida apenas aos seres orgânicos como ocorre entre os vitalistas. A teoria holística coaduna com todo um movimento intelectual contemporâneo que repensa a natureza sob a condição da não aplicabilidade de leis eternas.

A filosofia holística ou organística concorda com a teoria mecanicista em relação à unidade da natureza: a vida dos organismos

²¹ SHELDRAKE, Rupert. **A Ressonância Mórfica & A Presença do Passado - Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988, p.50.

²² _____. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 59.

²³ _____. **Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultrix, 2014, p.48

biológicos difere em grau, mas não em espécie, de sistemas físicos como moléculas e cristais. O organicismo concorda com o vitalismo ao enfatizar que os princípios organizadores dos organismos estão dentro deles mesmos; organismos são entidades que não podem ser reduzidas à física e à química de sistemas mais simples.²⁴

Se a base das teorias vitalistas e mecanicistas busca encontrar justificativas para a existência, ou não, de um princípio vital animador da matéria que possa ser considerado a *vida*, na teoria holística esta visão é mais radical, pelo fato mesmo de que:

[...] para ela, os organismos, a todos os níveis de complexidade — das partículas subatômicas às galáxias e, mesmo, ao conjunto do cosmos —, estão vivos. Os papéis organizadores que antes se atribuíam às almas e aos fatores vitais são concebidos, agora, em termos de propriedades sistêmicas, de padrões de informação, de princípios organizadores emergentes, ou de campos organizadores.²⁵

Com isso, o mundo material antes pensado de forma sólida, com estruturas bem definidas passa a ser: “constituído de átomos inertes de matéria, como no velho atomismo. Em vez disso, como a própria física moderna tem mostrado, são estruturas de atividade, padrões de atividades energéticas que ocorrem no interior de campos.”²⁶ As definições para *vida* e como o mundo material é percebido, apresentadas nas teorias supracitadas, possibilitam entender como ocorre as diferentes formas de interação entre o homem e o meio ambiente. Utilizando a definição de Tassara (2008), apresenta-se meio ambiente como o:

Conjunto de todas as condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica que cerca e afeta a existência, o desenvolvimento e o bem-estar de um ser vivo ou de uma comunidade. Ou seja, o conjunto de todos os aspectos que permitem, abrigam e regem a vida em todas as suas formas.²⁷

²⁴ SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultrix, 2014, p.48

²⁵ _____. **A Ressonância Mórfrica & A Presença do Passado - Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988, 108/109.

²⁶ _____. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 107.

²⁷ TASSARA, E. **Dicionário socioambiental: ideias, definições e conceitos**. São Paulo: Brasil Sustentável, 2008, p. 128.

Com base nesta definição, observa-se nos pressupostos mecanicistas que os seres humanos se encontram em condição de separação do meio ambiente. Isto significa dizer que o homem adquire a condição de observador do espaço que o circunda e, sendo assim, estabelece uma relação entre observador (ele próprio) e o objeto de sua observação (meio ambiente) descontextualizada, uma vez que ele não se reconhece como parte do que observa. Esta visão o coloca na condição de, na modernidade, secularizar as palavras bíblicas do Livro do Genesis, onde Deus atribui a Adão a supremacia sobre o mundo e as demais espécies.

Nesta direção, “o progresso humano e o domínio crescente do homem sobre a natureza se integravam num processo de desenvolvimento da inteligência humana e, sobretudo, de progresso científico”²⁸, fazendo com que a separação entre homem e meio ambiente determinasse que aquilo que está a sua volta possa ser usado para suprir as demandas das mais diversas necessidades humanas. A consolidação desta visão pautada em progresso ilimitado dos sistemas (econômico, político, social, de produção da vida material) através dos avanços científicos cristaliza a ideia de superioridade em relação aos outros organismos vivos.

A descoberta da evolução da vida no século XIX e da evolução do universo no século XX colocou o progresso humano em um contexto muito mais amplo. Mas essas descobertas também abriram um abismo cada vez maior entre a humanidade e a natureza. A ciência materialista estava impregnada por propósitos humanos, pelo menos pelo desejo de progresso econômico e ecológico, porém ao mesmo tempo negava a vida e os propósitos da natureza. Muitos humanistas seculares acreditavam que a evolução, de alguma maneira, previa - ou até mesmo exigia - o desenvolvimento contínuo da humanidade. Enquanto isso, o materialismo, em suas manifestações econômica e social, triunfou em todo um mundo. Os efeitos sobre outras espécies e sobre o clima da Terra podem ser catastróficos.²⁹

Desta maneira, se o meio ambiente pressupõe o espaço de um conjunto complexo de elementos necessários para salvaguardar a sobrevivência de uma espécie, que dele retira o que é necessário para a manutenção de sua vida biológica, constata-se que o homem retira dele o que é necessário a satisfação de questões não apenas biológicas. Ou seja, na modernidade, o homem ao secularizar

²⁸ SHELDRAKE, Rupert. **A Ressonância Mórfica & A Presença do Passado - Os Hábitos da Natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1988, p.75.

²⁹ SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultirx, 2014, p.163.

sua autoridade sobre a Natureza, transcende para além dos limites biológicos suas necessidades. Em outras palavras, a busca por poder, segurança, riquezas também se tornam saciadas a partir do meio ambiente, quer seja através da exploração de recursos naturais, ou então, pela delimitação de posse sobre um pedaço de terra (propriedade privada).

Por sua vez, na visão sistêmica, os homens são pensados como parte integrante dos ambientes onde se encontram inseridos, promovem com estes uma espécie de “simbiose”. A visão sistêmica rompe com a dualidade homem-meio ambiente, mas o considera parte integrante do conjunto da natureza.

O homem é recolocado no seu lugar, ou seja, de mais uma das espécies da biosfera e ainda lhe é atribuído uma posição de responsabilidade sobre as demais espécies. Sendo o ser humano dotado da capacidade de conhecer, ele possui, também, poder de perceber como as suas ações, para a satisfação de suas necessidades subjetivas e objetivas, afetam o meio ambiente e, conseqüentemente, a si mesmo durante e depois destas ações.

Se na visão mecanicista se seculariza uma visão transcendente para a explicação do agir humano, na visão sistêmica se resgata uma relação imanente com o meio ambiente, haja vista que as primitivas religiões que atribuíam vida a Terra também têm chance de serem secularizadas através das descontinuidades conceituais.

A afirmação da produção de uma visão descontinuista sobre os conhecimentos científicos é importante para alojar os conceitos trabalhados na análise sistêmica, ou seja, a relação continuidade e descontinuidade possibilita uma interpretação clara da relação das teorias científicas com o agir humano sobre o meio ambiente.

A forma de percepção de meio ambiente produzida pelo mecanicismo justificou muitas das ações realizadas pelos homens sobre a biosfera. Poderiam se citar as práticas do sistema econômico que se fundamentam na modernidade, como o capitalismo, que precisou desta abordagem para se consolidar. A natureza como algo morto desonera o homem de se responsabilizar pela vida na Terra uma vez que suas ações visavam apenas o bem-estar humano. O continuísmo científico pressupõe que o saber se aprimora a partir da acumulação e progresso dos saberes

científicos que os antecede, mas isto apenas aprimorou a forma de exploração do meio ambiente e agravou as consequências de tais ações. A grande falácia de uma ciência financiada por um sistema econômico predador foi defender que seria a ciência a chave para a resolução dos problemas por ela causados.

A descontinuidade do conhecimento que se fundamenta na ideia que a concepção científica se processa por rupturas parece ser fundamental para interromper o agravamento das consequências do olhar mecanicista sobre o mundo. Ao romper com o paradigma mecanicista, autores como R. Sheldrake, F. Capra, J. Lovelock, M. Serres, E. Morin e outros das mais diversas áreas buscam demonstrar que partindo das consequências de uma visão predadora se pode chegar a uma solução para os problemas que não mais se escondem em locais pontuais da superfície terrestre, mas atingem até mesmo aqueles que não estão inseridos na lógica do mundo contemporâneo, como, por exemplo, as comunidades tribais, que ainda não tiveram contato com as tecnologias das sociedades científicas, mas sentem as consequências de seu “progresso”.

A visão mecanicista fundamenta duas formas de percepção da realidade. Na modernidade a percepção ocorre através do próprio homem, temos assim o antropocentrismo, em que “o homem via-se como o grande senhor de toda a natureza e a sociedade acreditava que dele dependiam as transformações que poderiam acontecer no meio ambiente, na vida política, no próprio desenvolvimento da história que ele construía.”³⁰

Na contemporaneidade, a consolidação desta visão, de que a racionalidade humana o colocaria no centro do todo, fez surgir uma percepção da realidade centrada nas tecnologias, produzidas com o desenvolvimento científico, fundamentando o tecnocentrismo.

No tecnocentrismo, os meios técnicos que aviam sido criados pelo homem avançam, expandem-se, multiplicam-se a ponto de ocupar espaços que antigamente eram preenchidos pelos homens. Máquinas e aparelhos substituem as pessoas no trabalho industrial, nas pequenas atividades domésticas, fazem operações matemáticas, registram a memória das pessoas, em suma, preenchem uma série de funções que até então eram executadas pelos próprios homens. O homem como que transfere à

³⁰ FILHO, C. M. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994, p.31.

máquina uma grande quantidade de trabalhos que o ligavam diretamente à terra, à produção e mesmo à criação artística.³¹

As tecnologias correspondem de maneira simbólica à ampliação das capacidades humanas. Sua força, visão, memória são potencializadas através das tecnologias, “o homem, no momento em que transfere suas funções às máquinas, abre mão também de grande parte de sua autonomia em relação ao controle de suas coisas.”³²

Sobre tais pressupostos, assim como o antropocentrismo o tecnocentrismo tem sua estruturação no mecanicismo. Estas abordagens intensificam a separação entre homem e meio ambiente. A primeira coloca o meio ambiente a serviço do homem e, a segunda intensifica a ação humana sobre a biosfera e ainda torna dissimuladas as ações devastadoras do homem.

Esta dissimulação ocasionada pelo tecnocentrismo ocorre principalmente a partir da sua segunda fase, ou seja, da consolidação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Nesta fase, as relações sociais, políticas e mesmo as ambientais se processam por entreposto de aparelhos tecnológicos, que por sua vez intensificam crescentemente a separação homem natureza. Mas, para isto é importante compreender primeiramente como ocorreu a percepção dos problemas de ordem ambiental para, posteriormente, apontar a forma em que a dissimulação ocorre.

Sob tais pressupostos, a degradação do meio ambiente é percebida por etapas onde, “a primeira etapa baseia-se na percepção de problemas ambientais localizados e atribuídos à ignorância, negligência, dolo ou indiferença das pessoas e dos agentes produtores e consumidores de bens e serviços”³³. Na segunda etapa “a degradação ambiental é percebida como um problema generalizado, porém confinado nos limites territoriais dos Estados nacionais”³⁴

Esta ação produziu soluções, como por exemplo, a transposição das empresas poluidoras para outros locais fora dos Estados nacionais, configurando-se assim a estruturação de uma sede administrativa nos países centrais e as unidades

³¹ Idem, p. 29.

³² Ibidem, p. 30.

³³ BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento e Meio Ambiente: As Estratégias de Mudanças da Agenda 21**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 15.

³⁴ Idem, p. 15.

produtoras localizadas nos países periféricos, para os quais sobram os impactos ambientais percebidos na primeira etapa. Na terceira fase, a percepção da “degradação como um problema planetário que atinge a todos e que decorre do tipo de desenvolvimento praticado pelos países”³⁵, e com isso, percebe-se que o que ocorre em um ponto do globo o afeta em sua totalidade.

A forma de dissimulação anteriormente citada se refere ao fato de a terceira forma de percepção, ao ser apresentados os problemas ambientais na esfera mundial, principalmente através das TICs higienizam a experiência entre homem e natureza e/ou homem e impactos ecológicos. A vinculação de inúmeras temáticas nos noticiários sobre o meio ambiente passa a impressão de algo externo e distante. Tal condição faz os sujeitos não se sentirem participantes ou corresponsáveis pelo processo de degradação ambiental, haja vista que nas relações que se estabelecem na atualidade, com o que conceitualmente se denomina realidade, condicionada aos aparelhos fundantes do tecnocentrismo, coloca os sujeitos na condição de observadores que analisam o meio ambiente, mas, por diversos fatores, não os colocam na condição de atuarem positivamente sobre este.

A visão sistêmica defendida por Sheldrake aponta para uma nova forma de visão denominada ecocentrismo. O ecocentrismo tem por base as teorias desenvolvidas pelo Aldo Leopold (1887-1948), filósofo estadunidense, que transfere a argumentação do campo da ética pautada no homem em relação a si e seus iguais. Ou seja, da ética antropocêntrica, para a ética da terra, da relação ética do homem para com tudo que é fundamental para sua vida e para a vida na Terra como um todo. Segundo Leopold:

A ética da terra simplesmente amplia as fronteiras da comunidade para incluir o solo, a água, as plantas e os animais ou coletivamente: a terra. Isto parece simples: nós já não cantamos nosso amor e nossa obrigação para com a terra da liberdade e lar dos corajosos? Sim, mas quem e o que propriamente amamos? Certamente não o solo, o qual nós mandamos desordenadamente rio abaixo. Certamente não as águas, que assumimos que não tem função exceto para fazer funcionar turbinas, flutuar barcas e limpar os esgotos. Certamente não as plantas, as quais exterminamos, comunidades inteiras, num piscar de olhos. Certamente não os animais, dos quais já extirpamos muitas das mais bonitas e maiores espécies. A ética da terra não pode, é claro, prevenir a alteração, o manejo e o uso destes 'recursos', mas afirmar os seus direitos de continuarem

³⁵ Ibidem, p. 16.

existindo e, pelo menos em reservas, de permanecerem em seu estado natural.³⁶

Desta forma a visão ecocêntrica, retira o homem e suas criações (tecnologias) do centro de onde partem as explicações sobre o mundo e o realoca no bojo materno da Terra, fazendo-o ainda determinante para a manutenção da vida na biosfera, uma vez que sendo o único dentre os animais dotados de uma racionalidade, tida por superior, precisa assumir a função de defensor e conservador da biodiversidade.

Esta postura ética com relação ao meio ambiente não ocorre com a fragmentação da ética em mais uma ética ou a transformando em mais um estatuto comportamental do homem para com a natureza. A ética ambiental pressupõe uma reflexão profunda sobre a responsabilidade do homem em relação a si e seus iguais, entendendo-se por iguais nesta frase todos os seres, que como ele, necessitam deste planeta para sua existência. Nesta direção, “a ética não deve se referir somente ao homem, mas deve estender o olhar para a biosfera em seu conjunto, ou melhor, para cada intervenção científica do Homem sobre a vida em geral.”³⁷

Em convergência com a visão sistêmica e a abordagem ecocêntrica, encontram-se os escritos de Hans Jonas (1903-1993), importante filósofo alemão contemporâneo, que no campo da responsabilidade apresenta as ações humanas. Jonas aponta que:

Hoje, a ética tem a ver com atos que têm um alcance causal incomparável em direção ao futuro, e que são acompanhados de um saber de previsão que, independentemente do seu caráter incompleto, vai muito além, ele também, do que se conhecia antigamente. É preciso acrescentar à simples ordem de grandeza das ações a longo termo, frequentemente a sua irreversibilidade. Tudo isso coloca a responsabilidade no centro da ética, inclusive os horizontes de espaço e tempo que correspondem aos das ações.³⁸

Os argumentos apresentados no corpo deste texto, a partir das mais diversas áreas, convergem para mostrar como a visão sistêmica perpassa pelas mais distintas áreas do conhecimento humano para, pôr fim, convergir em alguns

³⁶ LEOPOLD, Aldo. **Pensar Como Uma Montanha**. Lisboa: Sempre em Pé, 2008, p. 204.

³⁷ RAMPAZZO, L. **Ética e Direito, Bioética e Biodireito**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003, p. 72.

³⁸ JONAS, Hans. **El principiodelresponsabilidad: ensayo de una ética para lacivilizaciotecnologica**. Barcelona: Herder, 1995, p. 17.

pontos em comum sendo as ações para a preservação da vida reincidente em várias destas abordagens.

A teoria mecanicista baseia-se na metáfora da máquina. Mas é apenas uma metáfora. Os organismos vivos oferecem melhores metáforas para os sistemas organizados em todos os níveis de complexidade, inclusive moléculas, plantas e grupos de animais, todos os quais são organizados em uma série de níveis abrangentes em que o "todo" em cada nível é mais do que a soma das partes, que, por si só, são "todos" em um nível mais inferior. Até mesmo os defensores mais ardorosos da teoria mecanicista insinuam princípios organizadores intencionais nos organismos vivos na forma de genes egoístas ou programas genéticos. À luz da teoria do Big Bang, todo o universo assemelha-se mais a um organismo em desenvolvimento do que a uma máquina que está lentamente ficando sem vapor.³⁹ (SHELDRAKE, 2014, p. 64).

As produções científicas e filosóficas contemporâneas apontam que “atualmente, há um sentido muito difundido e infiltrado de crise - ambiental, política, econômica e social - e uma crença de que atingimos um ponto crítico para a nossa civilização, para espécie e para toda vida sobre a Terra.”⁴⁰ Esta é uma crise civilizatória anunciada desde o fim da Modernidade e toma consistência na contemporaneidade. Na visão de alguns autores, partindo do ordenamento mecanicista para o mundo, afirma-se que será a racionalidade humana a condição para a resolução de tais crises, outras correntes, por sua vez apostam que apenas ocorre a “redistribuição dos móveis do Titanic”⁴¹ e que as tentativas serão ineficientes dado o atual estágio de degradação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde suas origens remotas, os homens procuram conferir significado para aquilo que foge ao seu controle. Buscam atribuir a si mesmos valores e dar significância para o seu existir individual e enquanto espécie. A figura humana tem sido vinculada a configuração de inúmeras divindades ao longo dos séculos, os anjos são exemplos disto. Semelhantes fisicamente aos homens, os transcendem

³⁹ SHELDRAKE, Rupert. **Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista**. São Paulo: Cultirx, 2014, p.64.

⁴⁰ SHELDRAKE, Rupert. **O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus**. São Paulo: Cultrix, 1991, p. 40.

⁴¹ Idem, p. 208.

em beleza e entendimento, mas, mesmo assim, são incompletos e submetidos ao determinismo a eles inculcidos por Deus. Para demonstrar sua importância os homens acreditam que toda a criação divina tem por finalidade a transcendência de seu ser, tudo que existe foi criado para seu eterno evoluir e deixam assim implícito que sempre evoluem ou somente a humanidade é dotada da condição da evolução.

No princípio dos agrupamentos humanos as relações eram imanentes, os homens se olhavam e olhavam o mundo horizontalmente, percebiam-se inseridos em um mundo que pulsava em vida, interagiam consistentemente com todas as formas de vidas que como eles habitavam os espaços onde se encontravam. Provavelmente as coisas tenham mudado quando ao se manterem eretos os ancestrais primitivos, tenham erguido os olhos e percebido que a distância entre seu olhar e o solo era insignificante se comparada com a imensidão que existia entre seu olhar e o universo. Neste momento, inicia-se, mesmo que metaforicamente, a verticalização das relações humanas com os componentes terrenos.

Ao verticalizarem as relações com a realidade o homem transferiu para fora de seu espaço a condição do existir e se tornou indiscutivelmente senhor do mundo. A terra deixa de ser sua mãe e passa a condição de mantenedora desta espécie. Em sua prepotência existencial, sentem-se como o próprio erigir do falo do deus cósmico que os utiliza para fecundar a terra com uma infinidade de possibilidades não-naturais. A existência humana modifica substancialmente todos os locais onde se encontra, apropria-se dos ambientes e de seus recursos para sua atuação magnânima. Utiliza tudo o que a terra lhe oferece, por determinação divina, para demonstrar sua superioridade sobre todo o reino físico. Da pele da fera que faz a veste dos primeiros humanóides as pirâmides do Egito o homem demonstra esta relação.

A sacralidade com que sentia a terra passa a ser profanada, mas profanar o corpo de sua própria mãe é intrinsecamente repulsivo no homem, mas perceber em suas ações as vontades de um pai que lhe transcende em sabedoria o desonera desta culpa. Sendo assim, o homem é instrumento de Deus e suas ações a objetivação dos desígnios divinos. Mas como entender tais desígnios? Para que assim pudesse se empoderar do mundo, seres alados transgrediam a ordem natural das coisas e demonstram o poder deste sobre a terra onde antes apenas pairava o

verbo. A exemplo disto, pode-se observar a própria narrativa da concepção do Cristo, “O anjo Gabriel anuncia a Maria e esta concebe do Espírito Santo”. A ordem biológica é desconsiderada. A vontade de Deus é superior a qualquer tendência da natureza.

Mas, em algum momento o Homem, superior aos anjos pela possibilidade de exercer seu livre arbítrio, decide expulsar do mundo o pai celeste. Deus que é externo ao mundo perde seu alcance sobre este e o homem toma para si o poder absoluto sobre a terra. Consciente de sua capacidade racional se reconhece como uma criatura frágil e ao mesmo tempo destemida. Através da razão amplia suas qualidades por meio dos mais diversos objetos e se entrega a produção de tecnologias que proporcionam saber o que seus parques sentidos lhe escondem. Cria de sua própria capacidade objetos que podem olhar para si mesmos e perceberem quais são suas partículas elementares bem como olhar para fora de si, em direção ao cosmos, e descobrir a insignificância de sua existência.

Seu olhar ampliado substitui os olhos de Deus. Se antes de algum lugar do cosmos Deus pai olhava para a Terra e cuidava do destino dos homens é ele mesmo que agora o faz desde que fez subir os céus o primeiro satélite artificial. Colocando-os em órbita na Terra para poder olhar como que com olhos de um deus a vida que se manifesta em seu pequeno planeta. Seu planeta, algo que apenas lhe pertence, uma vez que todas as demais espécies são meras coadjuvantes na marcha evolutiva muitas vezes pensada apenas como uma condição sua.

Mas ao observar de longe o berço de sua prepotência, os humanos, mesmo que de forma dissimulada, percebem que suas ações estão colocando em jogo sua vida. A Terra pensada como mero depósito de matéria-prima, parece-se mesmo como uma grande esfera que pulsa viva. Suas ações lhe parecem as de um vírus que deixa em febre um organismo, assim como ele próprio, altamente complexo. E esta constatação o faz redirecionar seu olhar para mais longe ainda. Afinal estamos sós? Existiria outro mundo com a possibilidade de abrigar a vida humana?

As respostas para estas perguntas ainda são negativas. Na imensidão explorada este ainda é o único Planeta vivo, ou ainda, com as condições propícias para a existência humana. Entre anjos e satélites o homem busca se reafirmar como

um ser superior. Continua-se a verticalizar a relação com o todo e ocupar a parte mais alta desta relação. Mas por quanto tempo?

A visão sistêmica se apresenta nesta direção como que o rememorar de algo que sempre existiu nos homens. A Terra, metaforicamente, parece cantar um fado lamurioso do destino que os aguarda. E alerta para a condição de refletir quem de fato ocupa a supremacia nesta relação que se tenta hierarquizar. Deus foi expulso do paraíso, os anjos perderam sua voz como seus mensageiros, uma vez que os deuses cósmicos deixaram de existir, os anjos mais nada teriam a falar e o homem caminha no silêncio de suas fantasias em direção ao nada. Os olhos e a voz expandida do homem, na atuação de suas preciosas criações, os satélites, mostram tudo e comunicam de tudo em escala global. Nunca se viu e, se soube de tanto e, mesmo assim não se assume a posição de que frente ao cosmos não se viu nada e nada se escutou.

Estamos conscientes do que nos aguarda? Realmente ouvimos o que aqueles que falam em nome de Gaia têm a nos dizer? Na história humana quantas civilizações já tiveram seu início e fim sobre este Planeta? Se for refletido sobre isso, pode-se pensar que Gaia sobreviveu, observou o nascimento e a morte de diversas espécies e civilizações, nutrindo-as entre o início e o fim de suas aspirações. Com isso, é necessário olhar para o que cerca e perceber que os coadjuvantes desta aventura sempre foram os homens e que de tempos em tempos, mudam-se os personagens a atuar neste palco e que a única coisa que continua é o espaço desta atuação. Gaia sobreviverá, mas se continuarem com estas ações não terão as mesmas garantias e ainda continuarão transitando entre anjos e satélites.

REFERÊNCIAS DAS FONTES CITADAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2007.

BUTTEL, Frederick H. A Sociologia e o Meio Ambiente: Um caminho tortuoso rumo à Ecologia Humana. Publicado originalmente (In) International Social Science Journal Environmental Awareness 109 - Brasil Blackwell - UNESCO -1986. Perspectivas , São Paulo, 69-94, 1992. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1961/1599>. Acesso em 18 mar. 2017.

BARBIERI, J. C. Desenvolvimento e Meio Ambiente: As Estratégias de Mudanças da Agenda 21. Petrópolis: Vozes, 1997.

FILHO, C. M. Sociedade Tecnológica. São Paulo: Scipione, 1994.

FRIEDMAN, Benjamin M. As consequências morais do crescimento econômico. Tradução. Renato Bittencurt. Record. Rio de Janeiro, 2009.

GIULIANI, Gian Mario. Sociologia e Ecologia: Um Diálogo Reconstruído. Dados, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. , 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Ago. 2017.

JONAS, Hans. El principio del resposabilidad: ensayo de una ética para lacivilizaciontecnologica. Barcelona: Herder, 1995.

LEOPOLD, Aldo. Pensar Como Uma Montanha. Lisboa: Sempre em Pé, 2008.

RAMPAZZO, Lino. Ética e Direito, Bioética e Biodireito. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

SHELDRAKE, Rupert. A Ressonância Mórfica & A Presença do Passado - Os Hábitos da Natureza. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

_____. O Renascimento da Natureza: O Reflorescimento da Ciência e de Deus. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. Ciência sem dogma: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista. São Paulo: Cultirx, 2014.

TASSARA, Eda. Dicionário socioambiental: ideias, definições e conceitos. São Paulo: Brasil Sustentável, 2008.

VELANES, David. A Noção de Ruptura Epistemológica no Pensamento de Gaston Bachelard. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2017.